A teoria da Revolução Permanente contra o "Socialismo em um só país": breves considerações acerca do debate dos anos 1920 na URSS

Breno Ventura[1]

A teoria da revolução[2] permanente, retomada por Leon Trotski dos escritos de Karl Marx e Friederich Engels, foi vítima de falsificações e deturpações durante o chamado "debate literário", que ocorreu entre 1924 e 1925. O episódio envolve a publicação de um prefácio de Trotski intitulado *Lições de Outubro*, forma de expressão do autor que se deve tanto às derrotas sucessivas que este vinha sofrendo no interior do partido, quanto ao seu isolamento no Politburo.

Nos interessa aqui, particularmente, o descrédito atribuído à teoria revolucionária de Trotski em detrimento da perspectiva staliniana de socialismo em um só país. Para tal finalidade, selecionamos trechos de ambos os militantes a fim de entender quais argumentos foram mobilizados para desacreditar a teoria da revolução de Leon Trotsky. Na primeira parte do texto nos ocupamos de caracterizar o cenário que permeou o debate, bem como fazer uma breve síntese acerca da teoria da revolução permanente. Posteriormente, iremos contrapor os argumentos dos autores analisando-os sob o olhar da historiografia mobilizada durante o percurso de nossa pesquisa.

---

1 Graduando em Historia na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Monitor da disciplina de História Contemporânea, militante da Democracia Socialista (DS) e participante do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Trótski / Trotskismo e a Historiografia (GEPTH). Contato: breno.v.b@hotmail.com.

2 O presente texto é fruto dos estudos que envolveram a conclusão de uma monografia no curso de história da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Trata-se de um dos subtópicos do segundo capítulo da pesquisa.

O partido e a burocracia

Em primeiro lugar, devemos situar-nos acerca do contexto no qual as situações acima se desenrolaram: Lenin havia falecido em 21 de janeiro de 1924. No mesmo mês, Trotski, junto de outros 46 militantes, antigos bolcheviques, havia sido repreendido por ousar criticar os rumos que a direção tomava. Antes da morte de Lênin, aquele tomou consciência do que estaria ocorrendo: a burocracia, uma estrutura herdada dos longos anos de dominação tsarista, ainda se fazia sentir. Além disso, o cenário da Rússia era estarrecedor: acabara de sair de uma Guerra-Civil, sua economia encontrava-se devastada e grande parte do partido havia sido dizimada. A respeito da burocracia, em particular, Lênin teria dito:

> Se tomarmos Moscou com os seus 4.700 comunistas em posições responsáveis, e se tomarmos essa enorme burocracia máquina, aquele monte gigantesco, devemos perguntar: quem está dirigindo quem? Duvido muito que se possa dizer com sinceridade que os comunistas estão dirigindo esse monte. Para dizer a verdade eles não estão dirigindo, eles estão sendo direcionados (LENIN, 1965, p.288 tradução nossa).

Antes de sua morte, alguns documentos que viriam mais tarde a ser chamados de seu "testamento político" foram ditados às suas secretárias, e neles estavam contidos um balanço acerca dos principais membros do Partido. Chama atenção o alerta que o revolucionário russo fez aos seus pares:

> Penso que o fundamental na questão da estabilidade, deste ponto de vista, são membros do CC como Stáline e Trótski. As relações entre eles, em minha opinião, constituem mais de metade do perigo dessa cisão que se poderia evitar, e para evitar a qual, em minha opinião,

> deve servir, entre outras coisas, o aumento do número de membros do CC de 50 para 100 pessoas (LENIN, 2012, p.50-51,).

Devemos ressaltar que a disputa entre as perspectivas revolucionárias que aqui declaramos não foram maquinações de Stálin sozinho, mas sim de um fenômeno social específico, analisado por Trotski em sua obra "A revolução Traída". Segundo o autor, o estado flagrante de destruição que atravessava a Rússia que passou pela Primeira Guerra Mundial, donde não havia mais o que enviar além de soldados para morrer, seguida de uma revolução e uma Guerra-Civil, junto do novo sistema de nomeações pelo alto, formaram-se os elementos necessários à expansão da máquina burocrática. Nesse sentido, abriu-se espaço para que se acumulasse poder nas mãos do Secretário Geral e sua corja. Trotski assim resume:

> Os representantes mais proeminentes da classe operária morreram na guerra civil ou, ao subir alguns graus, separaram-se das massas. Assim veio, após uma prodigiosa tensão de forças, de esperanças e de ilusões, um longo período de cansaço, depressão e desilusão devido aos resultados da Revolução. O refluxo do "orgulho plebeu" resultou em um fluxo de arrivismo e carreirismo. Essa onda levou ao poder uma nova casta dominante (TROTSKI, 2023, p. 109).

Quanto à figura de Stálin em particular, Trotski é totalmente avesso a maniqueísmos, acrescentando que a sua chegada ao poder não foi fruto de um plano bem arquitetado, mas sim um desencadeamento de um fenômeno político de maior proporção, em relação direta com as condições materiais e de classe da sociedade russa daquele momento. Assim, reitera que

> Seria ingênuo acreditar que Stálin, desconhecido das

> massas, de repente emergiu dos bastidores armado com um plano estratégico totalmente elaborado. Não. Antes que ele tivesse previsto seu caminho, a burocracia o havia adivinhado. Stálin apresentava-lhe todas as garantias desejáveis: o prestígio de um velho bolchevique, o caráter firme, uma visão estreita, vínculos indissolúveis com a máquina política como única fonte de sua influência pessoal (TROTSKI, 2023, p. 112).

As discordâncias que envolveram Trotski e Stálin têm raízes em um episódio específico, ainda na Guerra Civil, quando o primeiro, na posição de comandante do Exército Vermelho, sugeriu a aglutinação de antigos militares, remanescentes do tsarismo, ao quadro de combatentes para que houvesse a partilha de seus conhecimentos táticos e experiência de comando. Trotski chamava-os de "especialistas burgueses". Stálin discordava de tal questão. Em 1918, ele será enviado para Tsaritsyn e questionará a lealdade desses oficiais, em favor de oficiais com um "histórico proletário", causando certo burburinho logo nos primeiros momentos de guerra.

A teoria da revolução permanente

A teoria da revolução permanente foi originalmente elaborada em 1906, através do texto *Balanços e Perspectivas*. Escrevendo no cárcere, Trotski se atenta aos traços específicos da sociedade russa, tal qual sua formação histórica e conjuntura econômica perante o capitalismo mundial. Recuperando as considerações de Karl Marx, o autor se debruça sob o entendimento da particularidade dos países atrasados e sua consequente natureza singular quando dos desdobramentos revolucionários.

Em países industrialmente fracos e pouco desenvolvidos, em comparação ao restante da Europa, percebeu-se a necessidade de um triunfo revolucionário que também se garanta no campo internacional. Tal perspectiva recebia pouca simpatia na época em que veio à tona, visto que grande parte dos intelectuais que se debruçaram sobre o tema acreditavam que o sobrepujar de uma classe sobre a outra tinha de dar-se na porção mais economicamente avançada e desenvolvida do globo. Aparece aqui também, pela primeira vez, uma possibilidade de que determinado levante executasse "tarefas socialistas", sem necessariamente passar por uma experiência de dominação burguesa de classe.

Com o auxílio da teoria do Desenvolvimento Desigual e Combinado, a teoria da Revolução Permanente elaborada por Trotsky em 1905, quando ainda preso, acusado de comandar uma insurreição operária no Soviete de Petrogrado, que o tinha como presidente à época, temos a gênese de uma nova teoria da revolução. A partir de seu texto, *Balanços e Perspectivas* (1906), foi possível a obtenção de um prognóstico sofisticado da revolução, até então incipiente, no território russo. Acreditamos que, através da compreensão da União Soviética enquanto um Estado Operário Burocratizado, esquematizada pelo mesmo autor, temos as chaves para identificar os principais elementos que envolveram a rejeição de suas ideias no interior do Partido Bolchevique, que passava então por um processo de burocratização, que seria a última batalha travada por Vladimir Lenin, nos seus últimos anos de vida, como nos mostra Moshe Lewin, em sua obra *Lenin´s last struggle* (2005). Trotsky percebe diferentes dinâmicas de movimentações políticas da burguesia e do proletariado em cada qual dos casos, sendo a primeira presente como força transformadora na

França. Na revolução alemã, por outro lado, essa classe se faz frágil no tocante à conquistas de ordem estrutural no campo social, sendo ineficaz quando posta em comparação com a experiência francesa;

> A burguesia alemã, desde o princípio, bem longe de fazer a revolução, dissociou-se dela. A sua consciência dirigia-se contra as condições objetivas da sua própria dominação. A revolução não podia ser feita por ela, mas só contra ela. As instituições democráticas representavam, no seu espírito, não um objetivo pelo qual combatesse, mas uma ameaça para o seu bem-estar (TROTSKY, On-line).

No quadro da Rússia de 1905, ano em que a história estendeu o tapete para que os homens pudessem trilhar o caminho da uma emancipação social de um diferente natureza, nos defrontamos com um cenário completamente diferente; a burguesia russa se faz inapta, inerte e pouco capaz de transformar o quadro político desta nação. Tal classe não seria capaz de cumprir a sua tarefa elementar, a qual Marx considerou como essencial para o desenvolvimento do capitalismo, diga-se: uma revolução burguesa. Afinal, o capitalismo russo era tardio, deficitário, e "gigante dos pés de barro" seria a alcunha pela qual a Rússia ficaria conhecida durante o século XIX e início do XX, dada sua vastidão territorial que mesclava-se com o seu atraso em termos sociais e políticos. A combinação desses diferentes elementos, arcaicos e modernos, será a chave para se entender a concepção de revolução em Trotsky, bem como o paradigma que permeou o debate entre etapismo, designação do cumprimento de tarefas por determinadas classes, internacionalismo e afins.

E foi percebendo essa dimensão contraditória que Leon Trotsky teceu os prognósticos que confirmaram-se nas mais

variadas vezes, a começar pelo triunfo da revolução e a sua agenda de tarefas a serem cumpridas, até a leitura que fez sobre do regime soviético comandado por Stalin, à luz das leituras marxianas.

Segundo Trotski, o cumprimento das tarefas sociais mais elementares na Rússia só seria possível a partir da coletivização, o que o levou a crer que não se podia conceber uma revolução aos moldes da francesa, dada a inoperância da burguesia russa, logo os revolucionários teriam o desafio de jogar-se em uma revolução de novo tipo, na qual o proletariado estaria destinado a cumprir essa tarefa. Nesse sentido, aqui é projetado um novo tipo de revolução, inédita na história e que necessitava de um refinamento das formulações do filósofo prussiano para a sua melhor compreensão. Uma das principais contribuições da teoria da revolução permanente para o marxismo foi a noção de Desenvolvimento Desigual e Combinado. Ideia em que se percebe na sociedade capitalista a constituição de um todo no qual são integradas todas as sociedades do capital, as quais transformam-se e moldam-se cada qual a sua velocidade, combinando-se de maneira desigual. Tal noção foi o que levou Trotsky a dizer, logo no primeiro parágrafo de *Balanços e Perspectivas* que,

> Se compararmos o desenvolvimento social da Rússia com o dos outros países da Europa - agrupando estes últimos num mesmo capítulo, do ponto de vista do que há de comum na sua história, e que o distingue da história da Rússia -, poderemos dizer que as principais características do desenvolvimento social da Rússia são a lentidão e o seu caráter primitivo (TROTSKY, On-line).

Dessa forma, percebe-se a formação, em cada sociedade capitalista, de diferentes trajetórias de proletarização, ritmo e forma de desenvolvimento do capital, com suas devidas especificidades e

particularidades. Podendo-se combinar em seu interior elementos antigos e modernos em simultâneo. Para além disso, tem-se também a ideia de que o capitalismo por si só é internacional e transnacional, uma vez que não se restringe a fronteiras, podendo fazer reproduzir sua força de trabalho em outros países, por exemplo. Portanto, a desigualdade, tal qual uma lei que rege todas as sociedades, se amplia em diferentes níveis, criando temporalidades e combinações sociais diferenciadas.

À luz do ano de 1905, Trotsky tecia um novo entendimento das dinâmicas de classe e seu papel na revolução. As determinações históricas e suas diferentes formações nos países atrasados é que iriam apontar a natureza das próximas revoluções, e a Rússia, dada a sua condição de capitalismo incipiente, com traços feudais e reminiscências arcaicas, não estaria destinada a uma revolução burguesa, visto a condição amorfa desta classe.

Caberia ao proletariado executar as conquistas de uma revolução burguesa, seguindo-as das conquistas de uma sociedade socialista. Vê-se, nesse sentido, o caráter de permanência dessa revolução, que necessitava também da vitória em países de capitalismo mais avançado, a fim de assegurar as conquistas revolucionárias frente à reação do capital. Isaac Deutscher, o mais renomado biógrafo do comunista russo, ao comentar sobre tal passagem da vida de Trotsky, sintetiza a análise do revolucionário da seguinte forma:

> Por que estava a Rússia destinada a tornar-se pioneira do socialismo? Por que não podiam as classes médias russas levar a sua revolução a uma consumação, tal como fizeram os franceses no século XVIII? A resposta está nas peculiaridades da história russa. O Estado russo, meio asiático, meio europeu, tinha por base uma

> sociedade primitiva que evoluía lentamente, sem diferenciações. A pressão militar das potências europeias superiores, não os impulsos vindos da sociedade russa, modelam aquele Estado. Desde seus primeiros dias, quando lutava contra o domínio tártaro e depois contra as invasões polaco-lituanas e suecas, o Estado arrancou do povo russo os tributos mais intensos, absorveu uma parcela desproporcionalmente elevada da riqueza social produzida. Com isso dificultou a já lenta formação de classes privilegiadas e o crescimento, ainda mais lento, dos recursos produtivos (DEUTSCHER, 2005, p. 195).

Lenin já havia ocupado-se de esclarecer em que estado encontrava-se o capitalismo na Rússia em sua obra *O desenvolvimento do capitalismo na Rússia* (1899). Em meio a uma polêmica com os *Narodniks,* o autor teceu uma sofisticada análise do emergente capitalismo russo, seus avanços, crescimento de uma burguesia nacional e maior divisão de classes entre camponês e proletariado.

Trotsky, por sua vez, fazia uma análise igualmente nuançada que não perdia de vista os desdobramentos que envolviam a economia russa. Entretanto, trazia uma concepção totalmente nova ao marxismo da época; a possibilidade de não limitar-se ao cumprimento de etapas, tal como uma trajetória evolucionista, bem como não concebendo mais a revolução de maneira esquemática e fechada, não tendo de passar necessariamente por uma fase de revolução burguesa para só então, posteriormente, emergir a revolução proletária.

Nessa linha, a revolução não terminaria enquanto não houvesse a deterioração total da sociedade de classes. Tal concepção inclui a passagem da revolução burguesa para a socialista, e quando do triunfo da última, que tem tempo indeterminado, as relações sociais

tomariam diferentes formas durante o andamento e uma luta interior comum. Aqui, o autor elenca a pujança da metamorfose social, que engloba transformações econômicas, técnicas, de ordem científica e de costumes, que complementariam com relações complexas, impossibilitando o equilíbrio social. Nessa perspectiva que se tem o caráter permanente da própria revolução socialista.

A teoria do socialismo num só país

A teoria do socialismo num só país surgiu como um mero tópico do debate literário. Em sua biografia política sobre Stálin, Deutscher pontua que durante muitos meses e até o verão de 1925, nem Stálin nem seus aliados tocaram no assunto. Ele próprio não tinha uma perspectiva muito clara do que era. A formulação original de 1924 de sua obra *Fundamentos do Leninismo* indicava justamente a impossibilidade do triunfo completo do socialismo em um único país. Como resolver tal contradição? Ora, retirando a primeira edição de circulação e desvinculando-se dela por apócrifa. "A princípio, não se deu conta do peso que as circunstâncias logo iriam conferir ao "socialismo num só país". Chegou à fórmula às cegas, descobrindo novo continente, por assim dizer, enquanto acreditava navegar por outros mares bem distantes" (Deutscher, 2006, p. 305).

Logicamente, o objetivo aqui era desacreditar Trotsky. Uma teoria exatamente antagônica à sua caiu como uma luva para o contexto do debate. Assim como no processo de burocratização intestina do partido bolchevique, Stálin não atuou sozinho, Bukharin contribuiu em muito para desacreditar a perspectiva de Trotsky. Isso pode ser visto na publicação de um texto datado de 1924 mas escrito em 1925,

que ostenta em seu título *"A Teoria da revolução permanente"*. Nesta brochura, Bukharin se ocupa de dirigir críticas aos escritos de 1905 e ao Novo Curso, acusando-o de desacreditar a história da revolução russa.

Nota-se um tom sacralizante na história da revolução, repete-se o procedimento padrão dos ataques a Trotsky; afastamento de sua perspectiva da de Lênin, colocando-o como um impostor que se vende como leninista mas não o é. Além disso, reforça sua perspectiva etapista, defendendo que em 1917 a Rússia passou por uma revolução burguesa, para posteriormente dar-se uma revolução socialista, desacreditando a ideia trotskista da possibilidade da realização das tarefas burguesas por parte do proletariado. Dessa forma, a revolução

> avança do estágio burguês liberal para o estágio pequeno-burguês, e daí avança para o estágio da revolução proletária. Este é o significado da teoria marxista (e não trotskiana) da revolução permanente.
>
> Podemos ter qualquer objeção a uma *tal* teoria? Não, pois é o correto. *Neste* sentido, a nossa revolução provou ser 'ininterrupta'. Na Rússia, a revolução passou por uma série de etapas. Em fevereiro de 1917, tivemos uma substituição do regime do *senhorio* pelo governo liberal da burguesia imperialista acompanhado pelo estabelecimento de uma autoridade paralela dos trabalhadores e camponeses (os soviéticos) (Bukharin, 1925, Online).

Nesse mesmo texto aparecem novamente as acusações de descrédito do campesinato, de forma que Trotsky o teria desacreditado, escanteado e colocado-o em posição menor em relação ao proletariado. Além disso, dá a entender que a revolução permanente envolve a luta direta entre duas classes constituidoras da sociedade Russa. A velha

concepção de revolução "por etapas" é aqui trabalhada por Bukharin, afinal, os trechos supracitados revelam uma avaliação que perpassa por essas lentes, acreditando que a burguesia cumpriu seu papel para que finalmente o socialismo pudesse triunfar.

No entanto, o real antagonismo aparece na forma de teoria sob as mãos de Stálin: reunido sob os escritos de *Em torno dos Problemas do Leninismo*, a questão é um mero tópico; "o problema da vitória do socialismo em um só país". O texto se desenrola como um viés de confirmação de um parágrafo e correção de outro. Retomava a sua passagem de *Fundamento do Leninismo*:

> Antes, considerava-se impossível a vitória da revolução num só país. Tal conceito significava que, para alcançar o triunfo sobre a burguesia, era necessária a ação conjunta dos proletários de todos os países adiantados ou, pelo menos, da maioria deles. Hoje, este ponto de vista já não corresponde à realidade. Hoje, é preciso partir da possibilidade deste triunfo, pois o desenvolvimento desigual, aos saltos, dos diferentes países capitalistas, sob as condições do imperialismo, o desenvolvimento dentro do imperialismo de contradições catastróficas que conduzem a guerras inevitáveis, o incremento do movimento revolucionário todos os países do mundo, tudo isso conduz não só à possibilidade, inclusive à necessidade da vitória do proletariado em diversos países tomados em separado (Stálin, 1954).

O autor reforça o peso dessa afirmação, apontando-a como verdadeira e que reside na necessidade de demonstrar aos socialdemocratas a possibilidade de vitória do proletariado num só país, mesmo que não acompanhada do restante do mundo. Contudo, Stálin conduz a atenção do leitor para uma outra passagem, a qual segundo ele "dirigia-se aos críticos do leninismo e contra os trotskistas que declaravam não poder haver uma revolução em um só país". Em

seguida, cita a passagem de Trotsky acerca do restante da Europa como baluarte da revolução, bem como a resistência de um país socialista diante do conservadorismo europeu.

Desviando da admissão de uma eventual falha ou remanejo das questões, o autor também diz que essa segunda citação carrega problemas, pois ela ansiava responder tanto a questão do socialismo em um só país quanto a hipótese de um país sob ditadura do proletariado resistir ou não a intervenções estrangeiras. Nesse aspecto, discretamente, se corrige. Alega que a passagem abria margem para se pensar a impossibilidade que de

> país sob a ditadura do proletariado possa considerar-se completamente garantido contra a intervenção e, portanto, contra a restauração da velha ordem, sem uma revolução vitoriosa numa outra série de países, problema ao qual se deve dar resposta negativa. Isso, sem falar que essa formulação pode dar motivo para se acreditar ser impossível organizar a sociedade socialista com as forças de um só país, o que, naturalmente, é falso.
>
> (...) a possibilidade do proletariado tomar o poder e o utilizar para edificar a sociedade socialista completa em nosso país, contando com a simpatia e o apoio dos proletários dos demais países, mas sem que previamente triunfe, nesses países, a revolução proletária. Sem essa possibilidade, a construção do socialismo é uma construção sem perspectivas, uma construção sem a segurança de estruturar completamente o socialismo. Não se pode dar forma ao socialismo sem ter a segurança de poder construí-lo até o seu ponto final, sem ter a segurança de que o atraso técnico de nosso país não é um obstáculo insuperável para a construção da sociedade socialista completa. Negar esta possibilidade é não ter fé na causa da construção

> do socialismo, é separar-se do leninismo. (Stálin, 1945. Grifo nosso).

Assim, temos que o elemento preponderante em seu pensamento é a intervenção estrangeira abrindo a possibilidade da restauração capitalista. Nesse sentido, aponta-se que o fortalecimento do socialismo dentro das fronteiras russas garantiria não somente a vitória revolucionária, bem como a segurança e estabilidade da revolução iniciada em outubro. No entanto, afasta-se de qualquer acusação de isolacionismo, dizendo que a construção do socialismo em território russo não é antagônica à vitória da revolução em outros países.

A questão internacional é aqui reduzida à mera "simpatia" do proletariado mundial, a qual é atribuída grande importância para a estruturação completa do socialismo. A partir disso, podemos considerar que a concepção internacionalista passava a não mais residir na ordem do dia, apesar dos esforços de Stálin para fazer parecer o contrário. Tamanho esforço não era à toa; ele conhecia a velha tradição dos marxistas que considerava que a revolução mundial era uma necessidade *sine qua non*. É não menos notável sua consideração de que desacreditar a possibilidade socialismo em um único país é desviar do marxismo-leninismo, que aparece aqui quase como um artigo de fé.

Nesse mesmo folheto, no qual, diga-se de passagem, Stálin responde às críticas de Zinoviev, o qual agora compunha as fileiras da oposição ao antigo aliado, considera-se que as forças internas do país seriam capazes de resolver as contradições entre camponeses e proletariado. A questão do espelho da União Soviética para o resto do mundo nos parece clara em seu horizonte de perspectivas, uma vez que o autor considera a simpatia do proletariado internacional com a União Soviética como um elemento contrabalanceador. Este

seria o papel da URSS na revolução internacional; servir de inspiração para revoluções futuras ao invés de uma real articulação e leitura das conjunturas de classes específicas de outros países.

Chama a atenção a preocupação com a chamada "interferência internacional", um fator relevante, principalmente em vista dos beligerantes últimos anos. Contudo, esse fator converte-se aqui em uma retórica de peso quase inerente ao isolacionismo; era necessário um Estado pouco penetrante no cenário revolucionário mundial a fim de fortalecer o estado soviético. Caso não fortalecido, esse mesmo estado poderia cair diante da intervenção estrangeira. Tal perspectiva será constantemente alimentada também sob as formas dos expurgos que eliminaria os "contra revolucionários". Novamente, os germes da trama que permeia os expurgos dos anos 1930 podem ser vistos aqui.

Isso é significativo se olharmos em especial para o fato da internacional comunista passar pelo que a direção chamou "bolchevização" dos partidos internacionais. Defendia-se uma pretensa padronização dos partidos em acordo com o bolchevique; na prática, o que ocorreu foi a direta submissão daqueles à corrente oficial, incontestável e única capaz de conduzir a vitória do proletariado internacional. Daí em diante, a atuação das internacionais socialistas será cada vez menos decisiva no âmbito da orientação dos quadros para a discussão das diferentes conjunturas dos partidos comunistas de outros países, até que seja finalmente dissolvida em 1943.

Nota-se nesse pensamento a nítida confusão entre a vitória do proletariado e a vitória do socialismo. Se tal confusão é proposital ou não pouco podemos dizer, restando-nos apenas alegar que ela propicia uma generalização das lutas que não cabem na real dimensão do que Marx originalmente concebeu, particularmente, no prefácio de

Contribuição à crítica da economia política [3]. Ademais, de acordo com Lênin, o proletariado é perfeitamente capaz de liderar levantes que prestigiam objetivos de ordem burguesa, algo também ressaltado por Trotsky. Em nosso juízo, acreditamos que a confusão dos termos parte do pouco esclarecimento acerca da teoria do desenvolvimento desigual e combinado, um aspecto essencial do pensamento de Trotsky que contempla a questão em relação à natureza econômica da sociedade russa. Nesse balaio, Stálin assim justifica sua posição;

> Em primeiro lugar, o fato de que a ditadura do proletariado nasceu em nosso país como uma potência que surgiu com base em uma aliança entre o proletariado e as massas trabalhadoras do campesinato, sendo este último liderado pelo proletariado. Em segundo lugar, o fato de que a ditadura do proletariado se estabeleceu em nosso país como resultado da vitória do socialismo em um país - um país em que o capitalismo era pouco desenvolvido - enquanto o capitalismo foi preservado em outros países onde o capitalismo foi mais altamente desenvolvido. Isso não significa, é claro, que a Revolução de Outubro não tenha outras características específicas. Mas são precisamente essas duas características específicas que são importantes para nós no momento presente, não apenas porque expressam distintamente a essência da Revolução de Outubro,mas também porque revelam brilhantemente a natureza oportunista da teoria da "revolução permanente." (Stálin, 1997, p. 121).

3 Uma sociedade jamais desaparece antes que estejam desenvolvidas todas as forças produtivas que possa conter, e as relações de produção novas e superiores não tomam jamais seu lugar antes que as condições materiais de existência dessas relações tenham sido incubadas no próprio seio da velha sociedade (Marx, Karl. Contribuição à crítica da economia política, 2008, pg. 48. Expressão Popular).

Isso segue da citação de um folheto de sua própria autoria, *A Revolução de Outubro e a Tática dos Comunistas Russos*, escrito em dezembro de 1924, no contexto do debate literário, que por sua vez apresenta um tópico específico sobre a revolução permanente, denominado: *Duas características específicas do mês de outubro e Teoria de Trotsky "permanente" de revolução*, já rotulada de oportunista em sua primeira aparição no escrito:

> Em primeiro lugar, o fato de que a ditadura do proletariado nasceu em nosso país como uma potência que surgiu com base em uma aliança entre o proletariado e as massas trabalhadoras do campesinato, sendo este último liderado pelo proletariado. Em segundo lugar, o fato de que a ditadura do proletariado se estabeleceu em nosso país como resultado da vitória do socialismo em um país - um país em que o capitalismo era pouco desenvolvido - enquanto o capitalismo foi preservado em outros países onde o capitalismo foi mais altamente desenvolvido. Isso não significa, é claro, que a Revolução de Outubro não tenha outras características específicas. Mas são precisamente essas duas características específicas que são importantes para nós no momento presente, não apenas porque expressam distintamente a essência da Revolução de Outubro,mas também porque revelam brilhantemente a natureza oportunista da teoria da "revolução permanente." (Stálin, 1997, p. 121).

Aqui aparece a crítica da perspectiva acerca dos camponeses. Como já vimos, Trotsky acreditava que a revolução deveria ser feita a partir da aliança entre esses e o proletariado, contudo, sob direção do último. Posto assim, parece que ele os ignorava totalmente. Ao que se segue do argumento,

> A ditadura do proletariado não é simplesmente um estrato superior governamental "habilmente" "selecionado" pela mão cuidadosa de um "estrategista experiente", e "confiante judiciosamente" sobre o apoio de uma seção ou outra da população. A ditadura do proletariado é a aliança de classe entre o proletariado e as massas trabalhadoras do campesinato com o propósito de derrubar o capital, para alcançar a vitória final do socialismo, e para a luta contra o capitalismo, sob a condição de que a força orientadora desta aliança seja o proletariado.
>
> Assim, não se trata de "ligeiramente" subestimar ou "ligeiramente" superestimar as potencialidades revolucionárias do movimento camponês, como certos defensores diplomáticos da "revolução permanente" agora gostam de expressá-lo. É uma questão da natureza do novo Estado proletário que surgiu como resultado da Revolução de Outubro. Trata-se do caráter do poder proletário, dos fundamentos da ditadura do próprio proletariado (Stálin, 1997, p. 121).

Nas páginas seguintes são citados dois trechos da obra de Lênin, trata-se dos eixos definidores, por assim dizer, da ditadura do proletariado que, nas palavras do Homem de Ferro, teve como aprendizado histórico uma forma de representação da implementação deste arquétipo na prática. Contudo, faz uma advertência para aqueles que acreditam que há alguma semelhança entre esse pensamento e o de Trotsky. Ao citar o texto de Lênin "*um modelo de tática para todos*" (grifos do autor) pontua, certamente, que este modelo não é exclusivamente russo, um dos traços marcantes da revolução de outubro. Dessa forma, ao mesmo tempo em que afastava a concepção de Trotsky da de Lênin, o autor aproximava o pensamento de Lenin da legitimação de suas formulações acerca das nacionalidades;

> Não nos deteremos longamente sobre a posição de Trotsky em 1905, quando ele "simplesmente" esqueceu tudo sobre o campesinato como uma força revolucionária e avançou o slogan de "Nenhum czar, mas um governo operário", isto é, o slogan da revolução sem o campesinato (...) Vamos levar o "Prefácio" de Trotsky ao seu livro *O Ano 1905*, escrito em 1922 (...) Basta comparar esta citação com as citações acima das obras de Lenin sobre a ditadura do proletariado para perceber o grande abismo que separa a teoria da ditadura do proletariado de Lenin A teoria de Trotsky da "revolução permanente. Lenin fala do *aliança* entre o proletariado e as camadas operárias do campesinato como base da ditadura do proletariado. Trotsky vê um "*colisão hostil* " entre "a vanguarda proletária" e "as amplas massas do campesinato."Lenin fala do *liderança* das massas trabalhadoras e exploradas pelo proletariado. Trotsky vê "*contradições* na posição de um governo operário em um país atrasado com uma população esmagadoramente camponesa."(Stálin, 1997, p. 121).

O trecho a que Stálin se refere diz respeito principalmente ao fato de, quando da exposição de Trotsky acerca da revolução ele afirma que, para garantir a sua vitória,

> a vanguarda proletária seria forçada nos estágios iniciais de seu governo a fazer incursões profundas não apenas na propriedade feudal, mas também na propriedade burguesa. Nisso entraria *colisão hostil* não só com todos os agrupamentos burgueses que apoiaram o proletariado durante as primeiras etapas de sua luta revolucionária, mas também com todos os grupos burgueses que *com as grandes massas do campesinato* com cuja ajuda ele chegou ao poder (Trotsky *apud* Stálin, 1997, p. 126).

Em seguida, trata de dissociar esse pensamento do de Lênin, alegando que a chamada "colisão hostil" é não somente um "descrédito da revolução", como algo extremamente distante do leninismo, principalmente ao examinar o trecho em Trotsky versa sobre a revolução mundial resolvendo as contradições internas. Segundo Stálin, seria a maior das heresias acreditar que "As contradições na posição de um governo operário em um país atrasado com uma população esmagadoramente camponesa só poderiam ser resolvidas em escala internacional, na arena da revolução proletária mundial" (Trotsky *apud* Stálin, 1997, p. 126).

Nesse ínterim, a questão da complexidade das relações capitalistas e suas conexões, adaptações e longevidade são pouco consideradas. Assim, o autor qualifica os escritos de Trotsky como "antileninistas" ou "semi-menchevistas". É interessante notar que os argumentos do autor não são necessariamente uma refutação teórica, ele parece mais interessado em enquadrar seu adversário como o "desviador", como se estivesse se esquivando de um dogma de forma quase que mortal. Os argumentos de Trotski sequer são considerados, convertem-se em apenas trechos soltos e sem contexto algum, não se vê, por exemplo, a perspectiva de adesão das nacionalidades, logo, o adversário também acredita que não se poderia erguer uma revolução em uma realidade tão contraditória, mesmo Trotsky não tendo dito isso.

> De acordo com Lenin, a revolução tira sua força principalmente entre os trabalhadores e camponeses da própria Rússia. De acordo com Trotsky, a força necessária pode ser encontrada *apenas* "na arena da revolução proletária mundial." Mas e se a revolução mundial estiver destinada a chegar com algum atraso? Existe algum raio de esperança

> para a nossa revolução? Trotsky não oferece nenhum raio de esperança; pois "as contradições na posição de um governo dos trabalhadores . . . poderiam ser resolvidas *apenas* . . . na arena da revolução proletária mundial." De acordo com este plano, resta apenas uma perspectiva para a nossa revolução: vegetar em suas próprias contradições e apodrecer enquanto espera pela revolução mundial (Stálin, 1979, p. 126-127).

Ao assinalar o quanto a teoria de Trotsky é uma "variedade menchevique", fala do "desenvolvimento desigual" de Lênin, em sua teoria acerca do imperialismo, mas ignora a teoria do desenvolvimento desigual e combinado de Trotsky que, diga-se de passagem, é parte integrante do raciocínio que ele julga como "desacreditado em uma Rússia contraditória". Na verdade, Trotsky dizia que era exatamente por conta dessas contradições que a Rússia poderia realizar sua revolução a partir do proletariado cumprindo as tarefas historicamente destinadas à burguesia. Contudo, sinalizava a necessidade da revolução mundial em outros países, e considerava em muito o internacionalismo, algo já de comum acordo em muitos círculos bolcheviques. No momento em questão, Broué assim define o estado político de Trotsky:

> … rechaçando como "antileninistà' a afirmação segundo a qual o estado atrasado da sociedade russa poderia ser um obstáculo intransponível para a construção do socialismo somente na URSS, Stalin termina por reduzir todas as dificuldades apenas uma: a ameaça do mundo capitalista que pesa sobre o país. Desta forma, em 1926, baseando-se no isolamento da Rússia revolucionário como consequência do fracasso da revolução mundial, surge, na forma de teoria, justificação do que será durante anos a Rússia de Stalin. Entretanto, neste período ainda militavam no partido todos os

> bolcheviques de direita e de esquerda, que deveriam ser convencidos de que o regime instituído era de fato o "socialismo" e "ditadura do proletariado': como todos eles haviam desejado, como Lenin os havia explicado e pelo qual todos eles haviam feito a revolução. (Broué, 2014, p. 220).

Segundo Deutscher, Zinoviev e Kamenev admitiram posteriormente que deram início a campanha de deslegitimação de Trotski sem ter nenhuma divergência com os princípios básicos da teoria da revolução permanente. A questão com Stálin é que tomou uma nova proporção,

> ele percebeu qual argumento suscitava a resposta mais forte na massa dos operários e nos quadros do partido, esta ampla caixa de ressonância humana que constituía sua *vox dei.* A caixa de ressonância se revelou inesperadamente sensível ao socialismo num só país (Deutscher, 2006, p. 315).

O não tratamento da teoria do desenvolvimento desigual e combinado deságua no consequente não entendimento e deturpação, proposital ou não, da própria teoria da revolução permanente uma vez que, para Trotsky, a própria revolução de outubro teria sido resultado das contradições que envolvem as relações técnicas e de propriedade do capitalismo, propiciando a vitória da revolução em um país como a Rússia.

> O colapso da burguesia na Rússia provocou a ditadura do proletariado, ou seja, que um país atrasado desse um salto adiante em relação aos países avançados. No entanto, o estabelecimento de formas socialistas de propriedade em um país atrasado se chocou com forças produtivas mundiais altamente desenvolvidas e a propriedade capitalista, a Revolução de Outubro gerou, por sua vez, uma contradição entre as forças produtivas

> nacionais, muito insuficientes, e a propriedade socialista (Trotsky, 2023, p. 253).

À guisa da conclusão

O burocratismo soviético, igualmente, seria produto dessas mesmas contradições, desdobrando-se em um estado que, apesar de operário, era dirigido por uma casta burocrática que vislumbrou a manutenção do poder e eliminação das vozes contestadoras-ainda que vindas de um arcabouço teórico bem estruturado a esquerda-em detrimento da manutenção de sua posição política. Daí a nossa insistência em examinar o contexto no qual a teoria da revolução permanente foi tão vilipendiada e facilmente desacreditada; um cargo na alta hierarquia do governo soviético era um privilégio do qual poucos podiam desfrutar.

Soma-se a isso a frágil composição social de revolucionários da época da guerra e da revolução, o carreirismo crescente e as nomeações pelo alto. Se olharmos para os desdobramentos dos anos 1930, com os expurgos, autoconfissões sobre critérios questionáveis, práticas de tortura e até mesmo a existência de inúmeros agentes da GPU mais interessados em combater os trotskistas no exterior do que nas conquistas da revolução internacional, temos que a estabilidade era a maior pretenção da casta burocrática. Pode-se alegar que esses feitos se deram sob a crença convicta na emancipação proletária mundial. Ainda assim, nos parece que a preocupação da vitória da revolução mundial foi suplantada pelo carreirismo, e tudo indica que aqueles dirigentes assim fizeram. Podiam até não saber, mas assim agiram.

Daí que se vê os esforços pelas aparências, que irão obter materialidade nas artes do realismo socialista, na intromissão

do Secretário Geral em assuntos da ciência (tal era a questão do lysenkoismo[4]) e a restrição de qualquer alternativa questionadora. Vendo tal processo desenrolar-se não é de se surpreender que seus contemporâneos caíssem na tentação de reduzir as complexidades da sociedade soviética comparando-as ao governo nazista. No entanto, as diferentes trajetórias do processo, bem como a própria natureza do regime, nos direciona a uma resposta mais complexa e sofisticada: apesar de ambas as experiências carregarem similaridades, são equivalências e não particularidades únicas e exclusivas de tais regimes.

Essa questão nos leva a olhar novamente para a realidade material soviética, que não tinha uma classe econômica dirigente nem atendia a uma. Era parasitada por uma casta burocrática que, em sua maioria, manteve-se no poder até a velhice e foi assegurada justamente pelas bases sociais da revolução. No entanto, essa mesma revolução foi traída, uma vez que seu internacionalismo foi abandonado em detrimento da manutenção desses quadros e do abandono da perspectiva da construção internacional. Tal usurpação "só poderia ser realizada e mantida porque o conteúdo social da ditadura da burocracia é determinado pelas relações produtivas criadas pela revolução proletária" (Trotsky, 2023, p. 331).

Eis um aspecto essencial para o descrédito de Trotsky: em uma conjuntura de vulnerabilidade econômica e social gritante, em um país

4 Nas questões pertinentes à ciência da época, conferir: Kojenikov, Alexei. ***A grande ciência de Stálin: tempos e aventuras de físicos soviéticos no exemplo da biografia política de Lev Landau.*** Revista Brasileira de História da Ciência, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 6-15, jan | jun 2011. Para uma perspectiva a partir da produção filmica temos: Franciscon, Moisés. ***A disseminação da pseudociência na URSS no filme de Michurin/Life in bloom (1948)***. Outros Tempos, vol. 19, n. 34, 2022, p. 29-62. ISSN: 1808-8031.

já exaurido da Guerra Civil e da revolução; uma perspectiva teórica que pregava uma revolução "em permanência" é muito menos atraente que as exaltações que implicavam a teoria do socialismo num só país. Exaltações essas que converteram-se em descrédito de Trotsky, que, segundo Stálin, não acreditava na construção da revolução pelas mãos do proletariado russo, nem do campesinato.

Nesse caso, o historiador Felipe Demier (2022) chama corretamente a atenção para a natureza dialética na relação entre o isolamento da sociedade russa e a recepção da teoria do socialismo num só país. A interpretação aponta para o fato dessa perspectiva ser produto do próprio isolamento. Nenhum bolchevique propunha o isolamento até 1924, contudo, as condições sociais concretas que o produziram são determinantes para a sua adesão no interior do partido, em um processo que perpassa os anos subsequentes.

Outrossim, a nova ideologia era produto do isolacionismo, fruto de uma burocracia que a gestou, mas ela também contribuiu para o próprio isolamento. Eis a dimensão dialética do processo: a continuidade de revoluções e guerras era algo não estável aos postos da burocracia, o que significa também os fins do seu privilégio. Assim, o socialismo num só país passa a ser uma bandeira adequada à conjuntura, e nesse processo enquadra-se a transformação da internacional comunista e as retóricas no tocante à nacionalidade que Stálin tanto evocava. Essa soma de elementos se deu de forma a erguer uma bandeira que converteu-se em verdadeira prova de fidelidade do partido bolchevique.

O fracasso da revolução alemã, vista com pouca atenção pela direção da União Soviética, que à época encontrava-se imersa em suas problemáticas internas, foi de grande peso para os anos subsequentes

na Rússia socialista. Representava, também, a derrota da revolução na Europa e a desmoralização do partido alemão, ao mesmo tempo em que os partidos comunistas da Polônia e Bulgária passavam por recuos semelhantes.

Tais fatores contribuíram para o isolamento do comunismo russo, bem como a descrença na capacidade revolucionária no restante do mundo. Em síntese, as turbulências internas, as fragmentações e desmantelamentos pelo qual o Partido Bolchevique passou desde 1917 até 1923 foram elementares para o isolamento da revolução, de forma que a chamada teoria do socialismo em um só país não pareceu um elemento estranho, mas sim uma possibilidade tática. Em um posfácio escrito em 1947, Victor Serge realiza um rápido balanço acerca dessa conjuntura, entre outras considerações , assinala que com a derrota alemã os bolcheviques

> perderam o contato com as massas do Ocidente. A Internacional Comunista tornou-se um apêndice do partido soviético. A doutrina do "socialismo num só país" nasceu finalmente dessa decepção. Por sua vez, as táticas estúpidas e até mesmo perversas da Internacional stalinizada facilitaram a vitória do nazismo na Alemanha (Serge, 2007, p. 495).

A questão aqui é que a natureza da ideia de socialismo num só país tinha dupla função, diga-se a de legitimação teórica, em detrimento de seu oponente, a teoria da revolução permanente, e a sagaz assimilação por parte da burocracia, que deu atenção à nova composição do partido pós-guerra civil. Com grande parte dos revolucionários de outubro já não mais presentes[5], com a deflagração do quadro de total miséria e vulnerabilidade econômica pela qual

5 Em 1924 os que pertenciam ao Partido bolchevique desde os primeiros dias de 1917 eram menos de 1% do partido (DEUTSCHER, 1968, p. 165).

passavam as massas proletárias e camponesas, a exaltação de uma perspectiva que envolve necessariamente a continuidade de conquistas revolucionárias, o que naturalmente envolve o conflito armado, é muito menos atraente do que aquela que opta por "crescer para depois conquistar". E é justamente deste "estado espírito que desenvolveu-se, aos poucos, uma atitude de auto-suficiência revolucionária e auto centralismo que encontrariam sua expressão na doutrina do Socialismo num Único País" (Deutscher, 1968, p. 157).

Ao tomar conhecimento do estado em que chegava os debates nas páginas do *Pravda,* no dia 16 de dezembro Krupskaia afirma que Trotsky

> não veio ao mundo ontem e sabe que um artigo no tom de "As lições de Outubro" é obrigado a evocar o mesmo tom na controvérsia que se seguiu. Mas esta não é a questão. A questão é que o Camarada Trotsky nos convida a estudar as "Lições de Outubro,", mas não estabelece as linhas certas para este estudo. Ele propõe que estudemos o papel desempenhado por esta ou aquela pessoa em outubro, o papel desempenhado por esta ou aquela tendência no Comitê Central, etc (Krupskaia, 2007- tradução nossa).[6]

É nesse aspecto que se assentará a principal crítica à concepção de Trotsky: nessa leitura a partir das páginas de *Lições de outubro*, ele havia subestimado o papel do partido em detrimento do papel dos dirigentes que foi colocado em foco nas páginas de seu prefácio. O Secretariado também articula-se através de centenas de colunas de jornais, organismos, escolas, propagandistas e oradores: o conceito de "trotskismo" é aqui vilipendiado e assimilado a aquele que era "porta-

6 Original em inglês disponível em: https://www.marxists.org/archive/krupskaya/works/october.htm

voz das influências pequeno-burguesas" e que sempre subestimou os camponeses, ansiando o rompimento da aliança dos últimos com o proletariado.

> Partindo de tais concepções, recomenda a planificação, procedimento digno da autocracia e a industrialização à custa dos camponeses, esforçando-se por eliminar, a qualquer custo, a direção que conseguiu desmascará-lo. Exposto assim, o "leninismo" se reduz a uma justificativa da política atual, ao uso da mão de ferro do partido e às concessões feitas aos camponeses (Broué, 2014, p. 202).

Em 1925, mais precisamente no dia 17 de janeiro, uma resolução do Comitê Central indica a permanência das investidas que visavam "desmascarar" o "antibolchevismo do trotskismo". Dessa forma, propõe a introdução de programas de ensino público que ressaltam as "deformações pequeno-burguesas do trotskismo". O resultado é a exigência da expulsão de Trotsky do partido por Zinoviev e Kamenev. Stálin opõe-se, mostrando-se mais articulado, no quesito das aparências, que seus aliados. Assim, contentam-se com o seu afastamento do cargo de Comissariado de Guerra e no Comitê Revolucionário de Guerra. Acerca desse momento, Carlos Prado observa que:

> No início de 1925 ficou claro que o debate promovido por Trotski em As lições de outubro havia lhe proporcionado uma nova derrota.38 Ele lançou a discussão, mas acabou sofrendo uma avalanche de novas acusações, das quais não teve sequer a possibilidade de se defender, afinal, já não havia qualquer debate verdadeiro, mas apenas o controle da burocracia sobre a imprensa partidária (...)O Triunvirato utilizou do aparelho partidário para reescrever a história

> da insurreição de outubro e para ressuscitar velhas polêmicas e apresentar Trotski como antibolchevique e contrarrevolucionário. No debate entre a "revolução nacional" e a "revolução internacional", distorceram os textos de Lenin para desqualificar a teoria da "revolução permanente", apresentou-a como contrária aos camponeses e antinacionalista. Nos anos que se seguiram, o revisionismo e a falsificação se tornaram ainda mais presentes, chegando a apagar personagens não apenas dos livros de história, mas até mesmo das fotografias (Prado, 2017, p. 13-14).

A questão que Prado pontua acerca do "antinacionalismo" é significativa, principalmente diante das acusações de que a teoria da revolução permanente, ao pontuar a necessidade da revolução internacional, desacreditava dos camponeses, do proletariado russo e, acima de tudo, da nação russa. Esses apelos eram amalgamados à defesa do socialismo em um só país, fazendo a ponte necessária com o histórico e milenar nacionalismo russo. Em momentos posteriores, tal qual a Segunda Guerra Mundial, Stálin irá usufruir dele em larga escala a favor da defesa do território nacional. Não à toa, o evento é chamado na Rússia de " Grande Guerra Patriótica" até os dias de hoje.

Ao examinar certa nostalgia do passado soviético na Rússia contemporânea, Henrique Canary percebe uma manobra parecida ainda nos dias de hoje. Contudo, o autor alerta que esse olhar louvável para o passado não se assenta em uma perspectiva de reavivamento do socialismo, mas justamente ao contrário; trata-se de uma notável transformação no campo da verdade histórica no qual se confluem reavivamentos espontâneos e o usufruto do Estado em benefício de uma história única, assim como moldagem de uma memória nacional vitoriosa e de grandes feitos. Assim,

> dizer que a nostalgia soviética é um fenômeno espontâneo não significa minimizar a importância da intervenção do Estado em todo o processo. Isso é assim porque essa nova visão de mundo, de Rússia e do destino do povo russo se manifesta hoje também em uma política de Estado, que se apoia na nostalgia soviética para promover o patriotismo, o militarismo e uma compreensão muito particular de "unidade nacional" (Canary, 2017, p.).

Crane Brinton, em *Anatomia das Revoluções*, ao traçar paralelos entre as revoluções inglesa, francesa e russa sugere que os acontecimentos revolucionários passam por uma febre que é seguida de uma convalescença. No caso dos bolcheviques, o momento dos debates internos dos anos 1920 representaria um tempo de aguda crise, que chegaria a chamada convalescença através do primeiro plano quinquenal, e o maior assentamento da burocracia nos anos 1930. Nessa linha, o autor argumenta que em 1917 o nacionalismo havia sido abandonado, contudo, defende que ele passou por uma certa morfologia, adaptando-se a realidade do modelo federalista russo:

> Nos primeiros dias da Revolução Russa, o nacionalismo, no seu sentido agressivo, foi virtualmente abandonado de acordo com as melhores doutrinas de Marx; Num sentido puramente cultural, o nacionalismo tornou-se a base querida do federalismo soviético. Para muitos admiradores da Revolução Russa, não será claro que a Rússia também se ajustou ao nosso modelo, que se revestiu das uniformidades com que o proselitismo revolucionário messiânico noutros países transforma o nacionalismo agressivo naquilo que nos era familiar (Brinton, 1962, p. 259).

Para além das evocações nacionais, a teoria do socialismo em um só país foi o braço teórico da legitimação da emergente burocracia, obtendo um papel elementar na rejeição da concepção da revolução permanente, bem como as distorções argumentativas e o esforço posterior para o afastamento entre as concepções de Lênin e Trotsky, indubitavelmente presentes no discurso oficial. Um bode expiatório fora criado em simultâneo ao encaminhamento da legitimação dos quadros políticos da burocracia, com destaque especial para a figura de Stálin.

Referências bibliográficas

BIANCHI, Alvaro . O primado da política: revolução permanente e transição**.** *Revista Outubro*, São Paulo, v. 5, n. 5, p. 101-115, 2000.

Briton, Crane. *Anatomia de La Revolucion*. Aguilar, Madrid.1926.

Broué, Pierre. *O Partido Bolchevique*. Editora José Luis e Rosa Sunderman. Bela Vista, São Paulo. 2014.

Braga, Ruy. *O marxismo de Trotsky***.** TV Boitempo. 7 de maio de 2019. You Tube. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=UCUfVAIemWw&t=4058s

CARR, E. H. *A Revolução Russa de Lênin a Stálin (1917-1929)*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

Canary, Henrique. *Back in the URSS? Nostalgia soviética na Rússia contemporânea*. RUS [São Paulo]*[S. l.]*, v. 8, n. 10, p. 64-80, 2017.

Coggiola, Osvaldo. As divergências entre Lênin e Trotsky e seu contexto histórico. In Deo, Anderson; Mazzeo; Del Roio (org) *Lênin: teoria e prática revolucionária*. Editora Cultura acadêmica. Marília, São Paulo. 2015.

Demier, Felipe. História Fm: 104: Stalin: história, legado e controvérsias. 2022.

Deutscher, Isaac. *Trotsky, o profeta armado.* Editora Civilização Brasileira. Rio de Janeiro. 2005.

_____. *Trotsky, o profeta desarmado.* Editora Civilização Brasileira. Rio de Janeiro.1968.

_____. *Stálin, uma biografia política.* Editora Civilização Brasileira. Rio de Janeiro. 2006.

Engels, Friederich; Marx, Karl. *Mensagem da Direção Central à Liga dos Comunistas*. Editorial Avante. On-line. disponível em: https://www.marxists.org/portugues/marx/1850/03/mensagem-liga.htm . Acesso em 15/05/2024.

Fitzpatrick, Sheila. *A revolução russa.* Editora Todavia. São Paulo. 2017.

HISTÓRIA FM 104: Stálin: história, legado e controvérsias. Entrevistador: Icles Rodrigues. Entrevistados: Rodrigo Ianhez e Felipe Demier. [s.l.] Leitura ObrigaHISTÓRIA, 01 ago. 2022. *Podcast*.

Prado, Carlos. A burocratização, Stálin e a luta da Oposição contra a degeneração do Partido Bolchevique (1922-24). *Verinotio - Revista on-line de Filosofia e Ciências Humanas*. ISSN 1981-061X. Ano XII . nov./2017 v. 23 . n. 2.

Podtchkoldin, Aleksandr. "1922: o nascimento da partidocracia". In: COGGIOLA, Osvaldo (Org.). *Trotsky hoje*. São Paulo: Ensaio, 1994, pp. 118-27.

Kotkin, Stephan. *Stálin, paradoxos do poder.* Editora Objetiva. São Paulo. 2014.

Krupskaya, Nadezhda K. The Lessons of October. In: *The Errors of Trotskyism* (Maio, 1925). Disponível em: https://www.marxists.org/

archive/krupskaya/works/october.htm

Kamenev, Lev. Leninism or Trotskyism?. In: *The errors of Trotskyism* (Maio, 1925). Marxists Internet Archive (2007).

Lênin, Vladimir. Eleventh Congress Of The R.C.P.(B.), In: *Lenin's Collected Works*. Moscow: Progress Publishers, 1965, Volume 33, pp. 237-242. Disponível em: https://www.marxists.org/archive/lenin/works/1922/mar/27.htm

Lênin, Vladimir. XI Congresso do PCR(B). In: *Obras Completas*. Lisboa: Edições Avante. 1977.

_____ In: *Lenin's Collected Works*. Moscow: Progress Publishers, 1965, Volume 33, pp. 237-242.

_____ *Últimos escritos e Diário das secretárias*. Editora José Luis e Rosa Sunderman. São Paulo. 2012.

Lewin, Moshe. *Lenin´s last struggle.* The University of Michigan Press, 2005.

Löwy, Michel. *A teoria do desenvolvimento desigual e combinado.* Actuel Marx, 18, 1995. Tradução de Henrique Carneiro.

Marie, Jean Jacques. *Stálin*. Editora Babel. Curitiba, Paraná. 2011.

Marx, Karl. *Contribuição à crítica da economia política*. Expressão Popular. São Paulo. 2008.

Medvedev, Roi. O socialismo num só país. In: Hobsbawm, Eric (org). *História do marxismo. O marxismo na época da III Internacional: A URSS da construção do socialismo ao stalinismo*. Editora Paz e Terra. São Paulo. 1986.

Monteiro, Marcio. As análises de Leon Trotsky sobre a União Soviética e o stalinismo. *Verinotio -Revista on-line de Filosofia e Ciências Humanas* . ISSN 1981-061X . Ano XII . nov./2017 v. 23 . n. 2.

Netto, José Paulo. Lukács e a problemática cultural da era stalinista.

Verinotio - Revista on-line de Filosofia e Ciências Humanas. Ano XIV. abr./2019. v. 25. n. 1.

Sacchetta, Hermínio. Trotskismo. In: TROTSKY, Leon. *A revolução permanente*. Editora Expressão Popular. São Paulo, 2007.

Serge, Victor. *O ano I da revolução russa.* Boitempo, São Paulo, 2007.

Segrillo, Angelo. *Historiografia da revolução russa: antigas e novas abordagens.* Projeto História nº 41. 64 Dezembro de 2010.

_____. *O conceito de revolução permanente em Trotsky e Lênin.* Tempos Históricos - M. C. Rondon - v. 05/06 - p.239-254 - 2003/2004.

_____. *Os russos*. Editora Contexto, São Paulo. 2010.

Stálin, Iosef. *The Twelfth Congress of the R.C.P. (B.)***.** *Works*, Vol. 5, 1921 - 1923. Marxists Internet Archive (2008). Disponível em: https://www.marxists.org/reference/archive/stalin/works/1923/04/17.htm

Stálin, Iosef. *Em torno dos problemas do Leninismo*. Editorial Calvino, 1945. Disponível em: https://www.marxists.org/portugues/stalin/1926/problemas/index.htm. Acesso em 15/05/2024.

_____. Os Fundamentos do Leninismo. In: *Obras* – 6º vol., Editorial Vitória, 1954.

Stálin, Obras. 3º Volume. Disponível em: https://www.marxists.org/portugues/stalin/1924/leninismo/index.htm

_____. Obras – 6º vol., Editorial Vitória, 1954. Disponível em: https://www.marxists.org/portugues/stalin/1924/01/26.htm

Trotsky, Leon. *A revolução permanente.* Editora Expressão Popular. São Paulo, 2007.

_____. *Balanços e perspectivas***.** On-line.

Disponível em: https://www.marxists.org/portugues/trotsky/1906/

balanco/index.htm

_____. *A revolução traída*. Edições Iskra. São Paulo, 2023.

_____. *Lições de Outubro*. Editora José Luís e Rosa Sundermann. Bela Vista, São Paulo. 2007.

Zinoviev, Gregory. *Bolshevism or Trotskism* in *The Errors of Trotskyism* (Maio, 1925). Marxists Internet Archive (2007).

Bukharin, Nikolai. *The Theory of Permanent Revolution* (1924) *Communist Review*, Volume 5.10 de Fevereiro, 1925. Disponível:https://www.marxists.org/archive/bukharin/works/1924/permanent-revolution/index.htm

Anexos:

Trotsky papers: https://guides.library.harvard.edu/soviethistoryarchives/trotsky